

# PRÁTICAS EDUCATIVAS, MEMÓRIAS E ORALIDADES

Rev. Pemo – Revista do PEMO



## Identidade e relações étnico-raciais na formação escolar

**Aldevane de Almeida Araújo<sup>i</sup>** 

Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Cachoeira, BA, Brasil

**Emanuel Luis Roque Soares<sup>ii</sup>** 

Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Cachoeira, BA, Brasil

1

### Resumo

Buscamos discutir como a identidade do povo negro está atrelada a branquitude, como se deu o existir do negro na sociedade colonizada, a partir das leituras de Frantz Fanon (2008) e Abdias do Nascimento (1980), procuramos contextualizar como a colonização foi chave para a propagação da ideia de raça, atribuindo a disseminação da bondade atrelada a branquitude e da maldade aos negros. As reflexões dos autores contribuirão para explicarmos a conjuntura educacional, frente a identidade afro-brasileira. Identificamos como a educação étnico-racial pode ser peça fundamental na formação de identidade, diante dos desafios do currículo proposto do novo ensino médio, que vem sendo implementado no estado da Bahia. O desenvolvimento da pesquisa tem como objetivo promover ações pedagógicas que contribuam no processo de formação educacional e potencialização da identidade dos alunos(as) negros(as), garantindo políticas educacionais e relações étnico-raciais que permitem a temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nas instituições.

**Palavras-chave:** Educação básica. Racismo. Identidade.

### Identity and ethnic-racial relations in school education

### Abstract

We seek to discuss how the identity of the black people is linked to whiteness and, how the existence of blacks individuals in colonized society took place., Ffrom the writingsreadings of Frantz Fanon (2008) and Abdias do Nascimento (1980), we seek to contextualize how colonization was key to the spreading of the idea of race, attributingrelating the spread of goodness linked to whiteness and evil to blackness. The authors' reflections will contribute to explaining the educational situation, in view of the Afro-Brazilian identity. We identified how ethnic-racial education can be play a fundamental part role in the formation of identity, given the challenges of the new curriculum proposed curriculum of the new for high school, which has been implemented in the state of Bahia. Thise development of the research aims to at promoteing pedagogical actions that contribute to the educational formation process and enhance the identity of black students, ensuring





the existence of guaranteeing educational policies and ethnic-racial relations that allow institutions to cover topics on the theme of Afro-Brazilian and Indigenous History and Culture in the institutions.

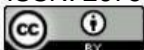
**Keywords:** Basic education. Racism. Identity.

## 1 Introdução

O presente trabalho traz algumas sobre a colonização a partir da linguagem, cultura e relações étnico-raciais, para isso utilizamos Frantz Fanon que inicia suas reflexões no livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008) trazendo como objetivo principal a missão de liberar o homem de cor, de si próprio, essa liberação do homem de cor deve acontecer a partir do encontro do sujeito consigo mesmo, é o entendimento do lugar de pertencimento, de sua cultura, sua linguagem, seu reconhecimento enquanto homem preto. É importante salientar que a realidade vivenciada por Fanon acontece na França, enquanto homem negro e psiquiatra, serviu ao exército francês na Segunda Guerra Mundial e lá se deu conta de que o racismo não era apenas por questões econômicas, mas notoriamente pela cor da pele e os fenótipos que determinam a condição de raça do homem de cor.

Nascido na Ilha Martinica de ascendência francesa e africana, Fanon viveu na França, lá existe um negacionismo muito forte do racismo, e suas argumentações foram fundamentais para uma crítica incessante a essa negação do racismo, tanto na França quanto nos países do mundo moderno que seguiam a mesma ideia. Suas contribuições para as análises aqui realizadas serão direcionadas no âmbito educacional, para explicarmos como a identidade dos negros e negras no processo de ensino e aprendizagem pode ser potencializada positivamente ou não, na educação.

Em busca por contextualizar os dilemas e antagonismos da colonização no Brasil, detalhando como foram as ações dos brancos para apagar a história do povo negro e ocultar sua identidade original, recorreremos a algumas reflexões trazidas por Abdias do Nascimento, no livro *Quilombismo* (1980). É fundamental percebermos que a tentativa





de contradizer a história do povo negro no Brasil, tem total caráter político, econômico e social, pois é a partir do narcisismo do homem branco europeu que nossa cultura e identidade vai sendo estruturada, nos afastando da religiosidade de matriz africana, demonizando os cultos, inferiorizando a cultura e costumes, tentando assim erradicar tudo que remete ao povo africano.

Assim, compreendemos a importância de abordar o assunto, já que a escola é uma das principais instituições que pode contribuir com a discussão de identidade e relações étnico-raciais partindo de uma perspectiva antirracista, para isso sabemos que é fundamental um currículo que traga a representatividade de negros e negras, porém o currículo do novo ensino médio que está sendo implementado no estado da Bahia vem trazendo inquietações quando pensamos esse assunto, a temática de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena por exemplo, não aparece como obrigatória e o documento que orienta as discussões dessa implementação traz contradições que iremos refletir no decorrer do texto.

3

## 2 Metodologia

O estudo foi desenvolvido a partir da análise bibliográfica do livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* de Frantz Fanon (2008), *Quilombismo* do Abdias do Nascimento (1980) e o Documento Orientador da Rede Pública de Ensino (SEC, 2020), do estado da Bahia. Assim, contextualizamos a abordagem teórica levando em consideração o currículo do novo ensino médio no estado da Bahia, que vem sendo implementado e sofrendo mudanças significativas, como a redução de carga horária de disciplinas da base comum curricular e o surgimento de disciplinas eletivas optativas e obrigatórias, porém não se explica como a temática identidade e relações étnico-raciais serão trabalhadas, além da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena não está entre as disciplinas obrigatórias. Assim, nesse caminhar da investigação teórica desenvolveremos a pesquisa.





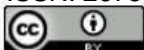
## 3 Entendendo o contexto de colonização do homem de cor a partir de Fanon (2008)

4 A colonização do povo negro aconteceu de todas as formas, daremos destaque para linguagem, pois o ato de falar também é um momento que externa a cultura e o lugar de pertencimento do sujeito, quando analisamos o que compõe o discurso e variações linguísticas do sujeito como: sotaque, regionalidade, gírias, jargão e outros, podemos identificar como o processo de colonização interferiu nas relações dos povos de origem indígena e africana. Concordamos que “falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (FANON, p.33, 2008), assim o falar é assumir uma cultura.

No Brasil um exemplo da linguagem e do falar como assumir uma cultura são as mudanças que aconteceram e se estruturaram em nossa sociedade a partir da colonização pelos portugueses, a língua portuguesa foi instituída como matriz, indígenas e africanos tiveram sua linguagem e cultura invadida, colonizada e inferiorizada diante dos brancos, poucos povos indígenas e quilombolas conseguiram manter sua linguagem e cultura protegida:

As línguas africanas não se salvaram do esmagamento, a sua destruição representa mais um ato na tragédia genocida que a sociedade brasileira desencadeou contra os africanos e seus descendentes. Além de destruir o principal instrumento de comunicação humana, social e cultural, o que já é muito grave, simultaneamente à destruição da língua africana, impuseram a língua portuguesa. (NASCIMENTO, p.101, 1980).

Assim, “todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana”. (FANON, p.35, 2008). Podemos nos permitir a diferenciar logicamente a maneira que a França foi colonizada e o Brasil, nesse sentido existem diversas diferenças entre os países e a subjetividade dos sujeitos, porém o que estamos trazendo são reflexões que nos fazem dimensionar como os colonizadores agiram comumente nos ideais de inferiorização do sujeito de cor.

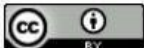




O afro-brasileiro já nasce na perspectiva do colonizador, na medida em que suas relações sociais e culturais são modificadas historicamente pelos brancos, a segregação é real, acontece pelo racismo que faz parte do nosso cotidiano e se manifesta de todas as formas, é o racismo que molda os negros ao lugar de inferiorização e animalidade, às vezes ele é tão velado que fica imperceptível para alguns. O vestir, o andar, o falar e o existir do negro são caracterizados pelos seus fenótipos, estruturalmente os brancos já emitem opiniões sobre os negros e os condicionam a um lugar de inferioridade. Vocês podem estar se questionando, enquanto a linguagem, como ela interfere nesse processo de identidade? Então, Fanon traz um exemplo clássico de como os negros se moldam a branquitude francesa, quando chegam a Paris os Martinicanos por entenderem quem são os sujeitos que estão em cargos de poder, acabam mudando o jeito de falar e agir para que possam se adequar ao que a cidade considera normal e assim pouco tempo depois se consideram parte dessa realidade, se vislumbram e acabam deixando a linguagem cultural pertencente ao seu coletivo. Assim questiona-se:

De onde provém esta alteração da personalidade? De onde provém este novo modo de ser? Todo idioma é um modo de pensar, dizem Damourette e Pichon. E o fato de o negro recém-chegado adotar uma linguagem diferente daquela da coletividade em que nasceu, representa um deslocamento, uma clivagem. (FANON, p.39-49, 2008).

Essa alteração de personalidade a qual o autor questiona, tem relações com o modo de convivência dos brancos, que são considerados normal ou natural, se um negro chega a um determinado lugar em que seu modo de falar e sua cultura não é respeitada e o racismo se manifesta desde o olhar até as ações das pessoas que vivem na localidade, qual a opção que ele tem para fugir das discriminações e ofensas? E nesse processo de fuga e não questionamento muita das vezes, que podemos caracterizar como uma das formas de expansão da colonização sob os negros, pois dá a ideia de pertencimento quando tentam se adequar a cultura local e para os alguns negros se adaptarem a isso é menos sofrido. Fanon se sentiu assim quando chegou à França, passou por essas mudanças, mas quando se deu conta, percebeu que o racismo não era uma questão



econômica, social, cultural e de linguagem, o racismo ia além, e se dava inicialmente pela cor de sua pele, a condição social de nascer preto já determinava independente de sua profissão ou cargo, que ele era sujeito de cor, ou seja, não tinha como apagar seu lugar de inferioridade diante do que os brancos determinaram desde a exploração de seus ancestrais como normalidade. Assim, ele retrata o momento que parou para pensar mais assiduamente sobre sua condição de ser negro, uma criança ao encontra-lo na rua diz: “mamãe, olhe o preto, estou com medo!” Medo! Medo! E começavam a me temer. Quis gargalhar até sufocar, mas isso tornou-se impossível” (FANON, p.105, 2008). Nesse momento não há como fugir de sua realidade, de sua condição socialmente determinada, para Fanon esse momento recaiu assim:

Então o esquema corporal, atacado em vários pontos, desmoronou, cedendo lugar a um esquema epidérmico racial. No movimento, não se tratava mais de um conhecimento de meu corpo na terceira pessoa, mas em tripla pessoa. No trem, ao invés de um, deixavam-me dois, três lugares. Eu já não me divertia mais. Não descobria as coordenadas febris do mundo. Eu existia em triplo: ocupava determinado lugar. Ia ao encontro do outro... e o outro, evanescente, hostil mas não opaco, transparente, ausente, desaparecia. A náusea... Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão, minhas características étnicas, – e então detonaram meu tímpano com a antropofagia, com o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, os negreiros [...]. (FANON, p.105, 2008).

A descrição desse momento citado acima é fundamental para entendermos a condição de ser negro, não importa o lugar que você vá ou as modificações que faça para se adequar a realidade do branco, sempre essas marcas estarão enraizadas na trajetória das pessoas de cor, não é a linguagem, não é a cultura, não é o agir, mas a cor da pele, a melanina. Assim, Fanon descobre sua negridão e passa a enxergar a complexidade da colonização:

“Preto sujo!” Ou simplesmente: “Olhe, um preto!” Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descobri objeto em meio a outros objetos. Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraindo-me do mundo, me entregou ao mundo. Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodi. Aqui



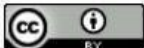
estão os farelos reunidos por um outro eu. Enquanto o negro estiver em casa não precisará, salvo por ocasião de pequenas lutas intestinas, confirmar seu ser diante de um outro. (...) (FANON, p.103, 2008).

Essa explosão diante da realidade enxergada por Fanon, o faz compreender que os negros quando acreditam que se despidendo de suas origens tornam-se brancos, estão potencializando a colonização de outros sujeitos e racionalizando seu outro eu. O que atrapalha esse reconhecimento indenitário é o narcisismo, o querer se enxergar a partir do outro, não é diferente do que presenciamos no Brasil quando pensamos nos estereótipos que são atribuídos aos negros, a linguagem e seus significados estampados nas propagandas de produtos, na imagem folclórica e carnavalesca das mulheres pretas hipersexualizadas, da violência atribuída aos homens negros e outros tantos exemplos que já estamos acostumados a ver e sentir.

Outra questão fundamental sobre a adequação dos negros na estrutura racista colonizadora é como o espelho narcisístico pode fazer com que o sujeito não enxergue sua própria identidade, como o sistema de embranquecimento cega e faz com que o próprio homem de cor rejeite suas origens, sua ancestralidade, seu povo e sua história, em prol do brancoide para fugir de tudo que é considerado animalidade e anormalidade, em detrimento daqueles que nada mais fazem do que sugar sua negritude na tentativa de adequação e dominação do seu eu, podemos identificar a seguir como a linguagem influencia a ideia de pertencimento:

Na linguagem está a promessa do reconhecimento; dominar a linguagem, um certo idioma, é assumir a identidade da cultura. Esta promessa não se cumpre, todavia, quando vivenciada pelos negros. Mesmo quando o idioma é “dominado”, resulta a ilegitimidade. Muitos negros acreditam neste fracasso de legitimidade e declaram uma guerra maciça contra a negritude. Este racismo dos negros contra o negro é um exemplo da forma de narcisismo no qual os negros buscam a ilusão dos espelhos que oferecem um reflexo branco. Eles literalmente tentam olhar sem ver, ou ver apenas o que querem ver. Este narcisismo funciona em muitos níveis. Muitos brancos, por exemplo, investem nele, já que teoricamente preferem uma imagem de si mesmos como não racistas, embora na prática ajam frequentemente de forma contrária. (FANON, p.15, 2008).

Compreendemos que o racismo de negros contra negros acontece a partir do narcisismo que é construído pela imagem do branco, ou seja, o negro se identifica com





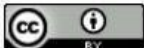
tudo que o aproxima da branquitude e o afasta de sua negrura, podendo a partir dessa condição de não pertencimento e negação passar a crer e defender ideias como: todos somos iguais, não existe racismo, a meritocracia oportuniza a todos, quem realmente quer busca e outros. Assim, venda-se os olhos para não enxergar a sua negritude, o seu lugar de pertencimento e a sua cultura, adquirindo uma identidade a partir do colonizador e de ideais que jamais irão conseguir acompanhar de igual para igual, brancos e negros não tem a mesma oportunidade e isso já vem se definindo ao longo do texto.

Uma das formas de mudanças nesse contexto de colonização, seria a descolonização, e ela pode acontecer com a quebra do espelho narcisístico do branco, não é apenas o negro assumir sua negritude, mas o branco parar de olhar só para si sem perceber o outro. O negro tentando em sua subjetividade encarar a transformação e praticando ações de descolonização também faz parte dessas mudanças, precisamos entender que não há superioridade dos brancos e se auto afirmar sujeito de cor e agir sem negar o seu coletivo é essencial para mudanças, sobre esperança Fanon nos diz:

Desperto um belo dia no mundo e me atribuo um único direito: exigir do outro um comportamento humano. Um único dever: o de nunca, através de minhas opções, renegar minha liberdade. Não quero ser a vítima da Astúcia de um mundo negro. Minha vida não deve ser dedicada a fazer uma avaliação dos valores negros. Não há mundo branco, não há ética branca, nem tampouco inteligência branca. Há, de um lado e do outro do mundo, homens que procuram. Não sou prisioneiro da História. Não devo procurar nela o sentido do meu destino. Devo me lembrar, a todo instante, que o verdadeiro salto consiste em introduzir a invenção na existência. No mundo em que me encaminho, eu me recrio continuamente. (FANON, p.189-190, 2008).

Fanon nos dá caminhos para relacionar com a ideia de ser negro no mundo, o livro se passa na década de 50 e se torna fundamental para discutir colonização. Avançamos nas reflexões propostas e nesse momento vamos seguir compreendendo a colonização no Brasil, tendo como base teórica Abdias do Nascimento.

## 4 Colonização no Brasil e educação



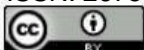




Abdias mostra que a educação tem participação no processo de embranquecimento no Brasil “a classe dirigente e seus porta-vozes técnicos, historiadores, cientistas sociais, literatos, educadores, etc., formam uma consistente aliança a qual tem exercido, há séculos, a prática e a teoria da exploração dos africanos e seus descendentes no Brasil” (NASCIMENTO, p.84, 1980). As ações de reprodução de conteúdo educacionais a partir do entendimento eurocêntrico é o que vem formando toda população e contribuindo negativamente com o apagar da história dos negros. Uma comprovação dessa política ideológica de branquitude foi a “destruição pelo fogo dos documentos referentes ao tráfico escravo, à escravidão, além da destruição dos instrumentos de tortura aos africanos escravizados, são parte desse plano diabólico contra a memória do africano e seu descendente. No qual também se integra, completando a conjuração, o sistema educativo brasileiro”. (NASCIMENTO, p.84, 1980). Se avaliarmos a complexidade educacional atual, ainda continuamos com a hegemonia eurocêntrica, o branco permanece como modelo de atribuições de bondade. Você se recorda, qual história é contada sobre a libertação dos escravos na escola? Quais são os autores e autoras negros trabalhados? Quem narra e dar voz a literatura do povo negro? Questionarmos a estrutura e instituições que racionalizam os negros e que não lhes dão voz nesse processo histórico se faz fundamental para lutarmos por mudanças.

Abdias vai falar sobre a destruição cultural da maioria dos brasileiros de origem africana, por uma ideologia elitista europeia estadunidense que “constitui um fenômeno tão avassalador a ponto de, até aqueles que procuram defender a imagem brasileira de aceitação da africanidade, com frequência apoiarem, explicitamente, os preconceitos, as discriminações raciais e os dogmas mais reacionários prejudiciais aos afro-brasileiros”. Se referindo assim a estudiosos que em teses, livros e trabalhos, se deixaram influenciar teoricamente pela branquitude e reproduzem preconceitos, a esse acontecimento Abdias vai chamar de colonização mental e isso potencializou a história do negro e impessoalidade que conduzem ao folclore.

As religiões de matriz africana tiveram e tem papel fundamental na educação dos afro-brasileiros, a partir delas conseguiram manter os rituais ancestrais, enfrentando a





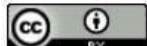
colonização religiosa do catolicismo em parceria com o estado, já que a religião católica era a religião do estado. As religiões originadas da África eram demonizadas e reduzidas, o povo negro sofria repressões policiais, condenação dos sacerdotes e daqueles que seguiam a lógica dos colonizadores.

Podemos afirmar aqui, que as religiões de matriz africana, não teve apenas contribuições espirituais na vida dos afro-brasileiros, mas teve fundamental importância na afirmação da identidade do povo negro, no reconhecimento da sua cultura, no reencontro com a sua história e também nas práticas educacionais, um dos exemplos é o respeito a ancestralidade, aos mais velhos, a sexualidade e diversidade. A educação em sua pluralidade, deve ser sempre questionada na perspectiva de romper as barreiras dos preconceitos que ainda interferem na formação afro-brasileira, ter lugar para entender e destacar as questões étnico-raciais para além da racionalização do outro, diante da reprodução de conhecimento eurocêntrico.

Outro ponto a ser levantado é a representatividade do povo preto, quem são nossos representantes? Abdias relembra alguns congressos internacionais onde quem falava sobre as questões dos negros e indígenas eram os brancos, isso mesmo, brancos mais uma vez contando nossa história e homogeneizando a população brasileira como sendo maioria branca. O exemplo trazido é de uma publicação no volume Brasil 1966, publicado pelo Ministério do Exterior “cujo ministro na época, ironicamente, se chamava Juracy Magalhães, o ex-governador do Estado africano da Bahia”: (NASCIMENTO, p.161, 1980):

Neste volume em inglês, destinado a promover o Brasil internacionalmente, há um capítulo intitulado Características da população, no qual se pode ler o seguinte: Cor - A maioria da população brasileira é constituída de brancos, sendo diminuta a percentagem de pessoas de sangue misto (grifo do autor - 1966: 125) (NASCIMENTO, p.161, 1980).

Entre os outros exemplos que Abdias cita, destacamos o do Juracy Magalhães pois era governador no estado da Bahia e como representante político mostrou desconhecimento sobre o estado em que governava e a realidade do país. Essa negação do povo negro e a política racista que se institucionaliza e estrutura é o que se mantém





nas representações majoritárias da política do Brasil, se faz pertinente continuar citando a seguinte análise do autor:

O eurocentrismo dominante pretende resolver o problema do branco, pois este é a minoria que está sempre e sempre tentando erradicar compulsoriamente os negros. Que nem são mencionados como existentes, poucos ou muitos, no texto dos riobranquenses. Sob o olho azul da hipocrisia e do ódio itamaratianos, que é uma extensão do mesmo olho nórdico que domina nossa sociedade, pretendem a liquidação maciça dos afro-brasileiros. Mas se trata de uma pretensão, apenas. Os negros têm resistido e resistirão. Até o instante intolerável e inevitável da confrontação que os negros brasileiros vão desencadear em face dos opressores e exploradores de quase cinco séculos. (NASCIMENTO, p.163, 2008).

11

Percebemos que a eliminação do afro-brasileiro faz parte de uma política ideológica negacionista, em que envolve várias instituições para acelerar esse acontecimento, como falamos anteriormente sobre os pensamentos trazidos por Fanon, a sociedade se enxerga e pensa a partir da branquitude, e como podemos romper com isso? Como Abdias afirma acima, os negros têm resistido e resistirão e algumas conquistas estamos almejando, a seguir destacaremos a educação a partir da identidade e relações étnico-raciais.

## 5 Educação: identidade e relações étnico-raciais

Vamos destacar alguns acontecimentos na educação brasileira que colaboram na reprodução do racismo, na perpetuação do discurso colonizador, elitista e de distanciamento da identidade e relações étnico-raciais.

Pensar em educação é fazer exercício para entender a pluralidade que acompanha esse tema, aqui vamos nos concentrar na educação pública, compreender o currículo que está sendo proposto para discussão dos temas identidade e relações étnico-raciais. O enfoque será o novo ensino médio nas escolas públicas do estado da Bahia, que vem avançando com o ensino tecnológico e o novo ensino médio. Seguimos as informações que orientou a jornada pedagógica do ano de 2020 das escolas: Documento Orientador Rede Pública de Ensino (SEC, 2020), nele trabalham com a flexibilização do



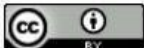


currículo ofertando disciplinas de Iniciação Científica, Produção e Interpretação Textual, Projeto de Vida e Cidadania, porém nesse documento as orientações sobre o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena aparece como sugestão de temas transversais e integradores para as disciplinas eletivas, ou seja, não obrigatória. O que nos faz questionar, como identidade e relações étnico-raciais estão sendo trabalhadas nas escolas, já que não há uma transversalidade dos temas no currículo como todo?

As instituições educacionais acabam reproduzindo o racismo, entender a educação como uma extensão do discurso colonizador é importante, para podermos avançar e tencionar esses espaços. O novo ensino médio vem com uma proposta que reduz carga horária de disciplinas da base comum curricular, como: filosofia, sociologia e geografia, além de não ter espaço garantido para o cumprimento da Lei 10639/2003 e 11645/2008. O que esperar de um novo ensino médio que só pensam em atividades que abordem a temática apenas no mês de novembro? O racismo é cotidiano e a escola tem papel fundamental de exercer uma educação antirracista.

Compreendendo o contexto educacional do novo ensino médio na Bahia, nos faz retornar a Fanon no que se refere a ideia das máscaras brancas e perguntamos, a qual movimento descolonizador estamos nos sujeitando enquanto educadores? É fundamental questionarmos os princípios do Quilombismo que Abdias do Nascimento nos fala, que respostas estamos dando ao racismo que o Brasil tem mantido aos negros? A educação pode ser um dos principais caminhos para potencializar a identidade e relações étnico-raciais dos alunos e alunas que vivem em um dos estados mais negros do país, a escola deve ter compromisso político, social e ético, não podemos nos submeter a reprodução e manter esses temas isolados das discursões pedagógicas e salas de aulas, o racismo não se combate apenas em novembro, ele é cotidiano.

As ações que vem sendo tomadas no estado da Bahia para implementação do novo ensino médio deixa diversas dúvidas de como serão conduzidas as temáticas dos afro-brasileiros, indígenas e quilombolas, já que a lei 11645/2008 garante a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.





## 6 Considerações finais

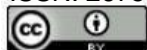
Através do que discutimos no presente trabalho, nos remetemos a dois teóricos essenciais para entendermos a complexidade que temos para combater o racismo, discutir identidade, relações étnico-raciais e práticas antirracistas. Fanon e Abdias nos faz entrar em uma dimensão de assuntos e uma das coisas que tem em comum é fundamentar os pensamentos no movimento descolonizador e buscar a autoafirmação do ser negro diante de um processo colonizador excludente, que tira a liberdade de vivermos nos condicionando as relações fenotípicas, de inferioridade e subordinação ao espelho narcisístico do branco. A procura pelo ser brancóide e a negação do ser negro, faz parte do Brasil atual ainda.

Pensar estratégias de uma educação que trabalhe diversidade, pluralismo, protagonismo do povo negro, identidade, relações étnico-raciais, pertencimento, autoafirmação e tantas outras questões que compõem a luta dos negros no Brasil, não é uma tarefa simples, precisamos antes de tudo de um currículo descolonizado, que pense essas questões e que realmente se aplique no cotidiano escolar, para isso a mudança na estrutura institucional é urgente e recai na educação sociopolítica que Abdias nos fala, aqui trabalhamos a reação sociopolítica com educadores e líderes que se comprometam com essas causas, pois o compromisso deve ser de todos e todas.

## Referências

BRASIL. **Decreto nº 10639, de 09 de janeiro de 2003.** Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 30 jul. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 11645, de 10 de março de 2008.** Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" e dá outras





providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2007-010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-010/2008/Lei/L11645.htm). Acesso em: 27 jun. 2018.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira - Salvador: EDUFBA, 2008.

NASCIMENTO, *Abdias do*. **Quilombismo**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1980.

Secretária da educação do estado da Bahia. Implementação do Novo Ensino Médio. Documento Orientador da Rede Pública de Ensino, versão final. In B (SEC, 2020). Disponível em: <http://jornadapedagogica.educacao.ba.gov.br/wp-content/uploads/2020/01/Documento-Orientador-Novo-Ensino-M%C3%A9dio-na-Bahia-Vers%C3%A3o-Final.pdf>. Acesso em abr. de 2019.

14

<sup>i</sup> **Aldevane de Almeida Araújo**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5059-4650>

Mestrado em História da África da Diáspora e dos Povos Indígenas, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo Baiano.

Minicurrículo: Professora efetiva no estado da Bahia no colégio CETEP Recôncavo II Alberto Tôrres, especialista no Ensino de Filosofia e Sociologia, mestranda em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas.

Contribuição de autoria: Desenvolvimento da parte teórica e reflexões.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6422425256156514>

E-mail: [aldevanealmeida.araujo@gmail.com](mailto:aldevanealmeida.araujo@gmail.com)

<sup>ii</sup> **Emanoel Luis Roque Soares**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3411-1377>

Mestrado em História da África da Diáspora e dos Povos Indígenas, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo Baiano.

Minicurrículo: Prof. associado II da UFRB/CFP e do mestrado profissional em História da África UFRB. Ph.D. em educação UFC/FACED/2019, Ph.D. em Educação UFPB/FACED/2012, doutorado UFC/FACED/2008, mestrado UFBA/FACED/2004, especialização UFBA/FACED/2001. Bel em Filosofia UCSAL/1999.

Contribuição de autoria: Correções e orientação.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3011122221613108>

E-mail: [el-soares@uol.com.br](mailto:el-soares@uol.com.br) ; [emares@ufrb.edu.br](mailto:emares@ufrb.edu.br)

**Editora responsável:** Cristine Brandenburg

## Como citar este artigo (ABNT):

ARAÚJO, Aldevane de Almeida; SOARES, Emanoel Luis Roque. Identidade e relações étnico-raciais na formação escolar. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3628>

